



DULCINÉIA¹, MINHA PRIMEIRA PROFESSORA

Antonio José de Souza¹; Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios²

¹ *Mestrando em Educação e Diversidade (Universidade do Estado da Bahia). Coordenador Pedagógico da Educação do Campo em Classes Multisseriadas. Integrante do Grupo de Pesquisa DIVERSO - Docência, Narrativas e Diversidades e do Grupo de Pesquisa DIFEBA - Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos. E-mail: tonnysouza@gmail.com*

² *Pós-Doutora em Educação. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia, no Departamento de Educação - Campus I. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade e Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade. E-mail: jhanrios1@yahoo.com.br*

Introdução

O dia chegava ao fim, dando lugar à noite. Foi nessa atmosfera de transição que a professora Dulcinéia, recebeu-me em sua casa. Com a já conhecida doçura na voz, convidou-me a entrar e sentar. E antes de dizer qualquer coisa, lembrou da sua timidez. E eu gostaria de ter dito o quão significativo era aquele momento, contudo sucumbi a um desembaraço ainda mais severo. Então, concordei que seria melhor iniciarmos a conversa, agendada mais cedo pelo telefone. Na verdade, tratou-se de um encontro com o passado, pois Dulcinéia foi a minha primeira professora.

Esse recorte inicial, que mais parece uma cena introdutória antes do desenrolar da trama, é para, propositadamente, elucidar o vínculo entre os envolvidos neste processo de comunicação: eu, aluno e locutor; ela, minha primeira professora e interlocutora.

Portanto, nessa conversa, a professora Dulcinéia generosamente compartilhou alguns trechos de suas memórias. Ela professora desde a década de 1980, aposentada pela rede estadual de ensino e ainda atuante na rede de educação do município de Itiúba²/ BA. Ela, Dulcinéia, mulher negra que apesar dos dissabores de uma trajetória marcada pela pobreza e o preconceito racial, desponta na maturidade para uma negritude³ vitoriosa, tornando-se a viga-mestra de sua história de vida.

Assim sendo, no intuito de contribuir na construção teórico-epistemológico, convido para participar desse diálogo enredado dois, dos mais importantes, estudiosos que no cenário brasileiro, discutem com maestria e sensibilidade a questão étnico-racial. O primeiro, na verdade a primeira,

¹ Nome fictício destinado à minha primeira professora. Dulcinéia, pois se refere ao personagem criado por Miguel de Cervantes, representando o símbolo da pessoa amada. É, portanto, o amor idealizado por D. Quixote, personagem central da obra.

² Itiúba, município do interior da Bahia, localizado na região centro-norte, fazendo parte do Semiárido baiano e do Território do Sisal. Está localizado aproximadamente 378 km de Salvador, e segundo o censo do IBGE (2010), tem uma população de 36.112 habitantes.

³ Segundo Munanga (2012, p. 58), a partir do caráter biológico ou racial, “a negritude seria tudo o que tange à raça negra; é a consciência de pertencer a ela”.



trata-se da psicanalista e escritora baiana Neusa Santos Souza, por meio do clássico da literatura militante negra, o livro "Tornar-se Negro" (1982), onde ela enfoca as representações coletivas sobre o negro, particularmente os autoestereótipos e o problema da identidade, subjugada a uma estrutura social desfavorável. Por fim, e não menos importante, o antropólogo cultural Kabengele Munanga, nascido na República Democrática do Congo, atualmente Professor Titular da Universidade de São Paulo, através do livro "Negritude: usos e sentidos" (2012), em que ele trata da negritude e da identidade negra na contemporaneidade, discorrendo sobre o conceito na diáspora, contemplando a tentativa de assimilação dos valores culturais do branco.

A crônica da Dulcinéia, a tecelã

Na companhia da professora Dulcinéia, rendeu histórias. Entramos e saímos de um assunto. Voltamos, pensamos ter concluído; recordamos. Parecíamos duas tecelãs, para ser exato éramos a própria 'Moça Tecelã' contada por Marina Colasanti que com toda delicadeza literária, fala-nos das "lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava" (2003, p. 2). Bem assim, nós estávamos tecendo um tapete de boa conversa que parecia não encontrar o fim. E nem precisava!

Começamos a falar das lãs de cores frias. Daquelas que usamos nos dias cinzas e nublados. E como quem não quer nada, fomos tecendo uma manta quente o bastante para agasalhar a tristeza. Então, a professora, botou-se a tecer, contando-me da sua infância:

"[...] quando criança não entendia, ficava acreditando que o negro era realmente inferior. [...] eu não entendia aquela maneira de falar: 'roxinha', 'escurinha', sempre naquela maneira carinhosa e eu achava que a pessoa era boazinha. [...] Eu tinha uma madrinha que gostava muito de mim. Ela dizia: 'Essa menina só tem de preta a pele, por dentro é ouro puro'. Ah, eu ficava me achando".

Enquanto a Professora Dulcinéia falava e tecia, era possível perceber o quão árduo é falar da identidade racial, diante de um emaranhado de práticas discriminatórias, pois vários segmentos institucionalizados da sociedade brasileira, tais como: igrejas, Universidades, escolas, cenário político e midiático; influenciaram a representação e posicionamento vexatório do negro na estrutura social, afinal a partir desse lugar de poder e controle, foi possível, numa articulação de vozes e silenciamentos, construir a imagem do negro (homem e mulher) como um ser humano inferior e 'coisificado' por meio de uma engrenagem sistêmica, elaborada para negligenciar os conhecimentos que são transmitidos desde o nosso nascedouro, no tocante aos acervos culturais,



educacionais, religiosos, dentre outras questões que envolvem os povos negros. Desse modo, superar essa configuração arдил e cruel exige uma longa caminhada, no intuito de criar oportunidades de diálogo sobre os desafios do ser negro, pois como destaca Munanga (2012):

No cotidiano, o negro vai enfrentar o seu inverso, forjado e imposto. Ele não permanecerá indiferente. Por pressão psicológica, acaba reconhecendo-se num arremedo detestado, porém convertido em sinal familiar. A acusação perturba-o, tanto mais porque admira e teme seu poderoso acusador (p. 37).

O desabafo da professora, fez-me pensar que, embora, a população negra já não arraste as correntes presas aos pés, a ausência desse tipo de domínio, no entanto não integrou o negro na sociedade da época e nem nos dias contemporâneos. Apesar dos negros terem materializado conquistas significativas no âmbito dos seus direitos de cidadãos, eles continuam sofrendo os mecanismos sutis, porém eficazes do racismo e da discriminação.

A definição inferiorizante do negro perdurou mesmo depois da desagregação da sociedade escravocrata e da sua substituição pela sociedade capitalista [...]. Negros e brancos viam-se e entreviam-se através de uma ótica deformada consequente à persistência dos padrões tradicionais das relações sociais (SOUZA, p. 20).

A partir do olhar de quem vive a negritude além do pigmento da pele, mas por uma questão ideológica, torna-se visível o entendimento de que a escravidão, infelizmente, ainda vigora entre nós. É possível ouvir os gemidos ensurdecedores dos negros e negras que agora não estão na senzala, mas “emergiram” para os guetos, favelas e pontes das grandes cidades; deixaram as embarcações infectas e assumiram os transportes públicos sucateados e superlotados.

Neste ritmo, a professora Dulcinéia foi, durante algum tempo, tecendo e falando numa simples capacidade típica dos sábios. Relembrando sua jornada, fazendo-me olhar para o passado apontando com sinceridade as várias vezes que, ao longo da vida, ela havia caído.

“Na minha formação, lá no magistério, durante o estágio supervisionado a gente passa pela semana de observação, cada dia em uma série. Quando eu cheguei na quarta série para observar... Bem, eu não sei se estava combinado com a professora regente ou foi uma articulação apenas entre os meninos. O fato é que foi chocante, pois na hora que eu cheguei, eu esperava o costumeiro ‘bom dia visitante, como vai?’, mas pra mim não cantaram. Na hora que eu cheguei e dei bom dia, os meninos levantaram e cantaram: ‘plantei uma cenoura no meu quintal, nasceu uma neguinha de avental’. Eles cantavam com cara de gozação e se olhavam com certa cumplicidade para me constranger. Eu sentir uma coisa muito forte, principalmente por se tratar de crianças. Eu quis que o chão abrisse ali pra



eu sumi, mas eu sempre reajo. Então, eu pensei rapidamente e comecei a cantar com eles”.

Quiçá as crianças, as quais a professora se refere, não tivessem a maturidade suficiente para reconhecer a veemência da desqualificação do negro subjacente na cantiga popular entoada. Entretanto, Dulcinéia reconhece o quanto a sua negritude foi desfigurada, causando afastamento e exclusão. Pois, essas representações modelam e inscrevem o negro num imaginário socialmente marginal, projetando-o numa ‘não existência’. Por isso, fatalmente os vários contextos de negação, vivenciados pela professora Dulcinéia, respingaram em sua prática docente no início da carreira.

“Com as minhas turmas eu acho que deixei a desejar, porque eu poderia ter trabalhado mais. Foi uma fraqueza minha, pois eu ficava com vergonha das minhas colegas. Naquela época não tinha a lei 10.639⁴ e eu pensava que se trabalhasse temas voltados para a África e os negros, elas diriam: ‘ela é negra, por isso, só quer falar de coisas de negros’. Tinha medo da reação dos outros, por isso fiz menos do que devia. Hoje eu me arrependo [...]. Aprendi com a vida a não engolir calada. Pois, eu já me assumi, me respeito, eu me amo e não vou deixar que ninguém jogue lixo sobre mim”.

Com essa experiência, fica comprovada a presença do sentimento de orgulho que permeia as relações da Professora Dulcinéia, costurando o passado ao presente, vislumbrando o futuro. Há um contentamento conforme o grifo: “[...] sou negro e me glorifico deste nome; sou orgulhoso do sangue negro que corre em minhas veias [...]” (MUNANGA, 2012, p. 46).

Sendo assim, a entrevista narrativa permitiu que o tempo presente, passado e futuro estivessem intrinsecamente pronunciados, de modo que as lembranças, experiências e ações que estavam no passado fossem projetadas na tela da ressignificação (MUYLAERT, et al, 2014).

Portanto, refletimos, tecemos e dialogamos em torno dos ideários de negação e submissão para alcançar a certeza de que ser negro, ser negra, exige um ânimo descomedido. Entretanto, uma vez que há a aceitação de sua história e que já não há dor em reconhecer-se membro deste copo negro; vem o esforço para combater as barreiras discriminatórias, contribuindo na formação de um novo ser humano, capaz de se elevar à altura de seu destino, assumindo plenamente a negritude.

Referências

BRASIL. *Censo Demográfico 2010*. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (<http://censo2010.ibge.gov.br/>).

⁴ Após a homologação da lei federal nº 10.639/2003, o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana passou a ser obrigatoriamente incluída no currículo escolar.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CERVANTES, M. de. *Dom Quixote De La Mancha*. São Paulo: Editora FTD, 2002.

COLASANTI, M. *A Moça Tecelã*. São Paulo: Editora Global, 2003.

MUNANGA, K. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MUYLAERT, et al. *Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa*. Rev Esc Enferm USP; 48(Esp2):193-199, 2014.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.